

GARCÍA DA SILVA, DENIZE ELENA (2005). *Nas instâncias do discurso. Uma permeabilidade de fronteiras*. Brasília: Editora UNB. 204 pp. ISBN 8523008365.

O livro “Nas Instâncias do Discurso”, organizado pela Professora Denize Elena Garcia da Silva e publicado pela Editora da UNB (2005, 206 páginas), segue uma rota lingüística entrecruzada por questões sociais que se abrem para os campos das múltiplas identidades, aos terrenos da mídia, da propaganda e a toda uma série de passagens imbricadas na relação discurso-sociedade. A obra é dividida em três seções específicas. No início, o leitor tem acesso a capítulos de cunho essencialmente teórico, nos quais são lançados alguns pressupostos básicos sobre o trinômio discurso-gramática-cognição. A segunda parte reúne trabalhos que têm a mídia como terreno comum. A última seção agrega uma série de investigações discursivas que adentram campos diversos da vida social contemporânea.

No primeiro capítulo, *Discurso, cognição e gramática nos processos de textualidade*, Luiz Antônio Marcuschi propõe, nas suas próprias palavras, uma “curiosa, complexa e necessária relação entre cognição, discurso e gramática como forma de administrar criativamente nosso agir lingüístico na produção textual socialmente controlada”. O autor tece uma argumentação em favor de uma visão de língua como um “dispositivo para a construção do conhecimento”, na qual se contrapõe tanto às correntes que vêem a linguagem como um instrumento funcional ou uma estrutura formal. Para ele a língua não é forma nem função, e sim, atividade significativa e construtiva, pois significar é uma operação mental com a linguagem e não fruto geral de um uso instrumental da linguagem.

No capítulo dois, *Discurso, gramática e pragmática*, Jacob L. Mey já lança no título a articulação triangular que vai defender. Seu texto começa contrapondo-se á crença de que a gramática é para lingüistas, enquanto a teoria do discurso seria para a lingüística aplicada. Definindo com mais clareza os três eixos articuladores da tríade discurso-gramática-pragmática, o autor expõe, ao final, suas imbricações, mostrando que a gramática não determina a pragmática, mas também a pragmática não vive sem a gramática, por sua vez, os princípios que a pragmática estabelece para a realização dos atos de fala devem ser complementados por regras que especifiquem o que é minimamente necessário para que as palavras no discurso sejam compreendidas.

No capítulo três, *Discurso e gramática: motivações cognitivas e interacionais*, a autora do capítulo e organizadora da obra, Denize Elena Garcia da Silva, vem defender com veemência a idéia de que o uso concreto da língua falada, ouvida ou escrita, configurado nas atividades do discurso, constitui o âmbito apropriado para se estudar a gramática. Seu propósito principal é expor pontos de vista teóricos que refletem o pensamento de todos aqueles que acreditam na convergência, sejam estas idéias e crenças, ou de teorias que

embasam a trajetória da ciência na rota dos estudos da linguagem. Ao final de seu capítulo, conseguimos perceber com clareza a relação proposta pela autora de que a gramática constitui uma estrutura cognitiva que a faz ser sensível a uma realidade social que a molda e é por ela moldada na continuidade das atividades lingüístico-discursivas.

Iniciando a segunda seção do livro, que enfoca o discurso nos mídias, o quarto capítulo, intitulado *A voz e o ethos médico-científico no texto de informação publicitário*, Maria Carmen Aires Gomes analisa as ralações entre vida social contemporânea e discurso, incorporadas às noções de ordens do discurso e interdiscursividade e seus mecanismos operacionais, tomando de base um texto publicitário de um novo contraceptivo lançado no mercado. A mescla de sentidos entre informação médico-científica e publicidade é interpretada pela autora como uma conformação discursiva híbrida que está surgindo nessa nova ordem mundial e que se molda a ela, dentro dos contornos que privilegiam o consumo, a tecnologia e a conversacionalização.

No capítulo cinco, *Um caso de polícia: reportagens policiais em dois jornais impressos brasileiros abordadas à luz da análise crítica do discurso*, Izabella dos Santos Martins Mendes investiga o poder da mídia nas notícias sobre crime nos jornais “Folha de São Paulo” e “O Dia”. Por meio de um extenso *corpus*, constituído com reportagens policiais publicadas durante dois meses, Izabella utiliza a Lingüística de Corpora, que sistematiza dados lingüísticos de forma a serem processados por computador. Assim, com o uso do programa “Wordsmith Tools” ela vasculha os verbos de relato dentro de uma classificação entre *neutros, estruturais e performativos ilocucionários*. Em seus resultados, que são ainda parciais, ela lista alguns deles, relacionando-os às suas fontes, num recurso que revela as relações de poder embutidas no discurso.

No capítulo seis, intitulado *Ações sociais do gênero informação científica transmitida através do jornal televisivo brasileiro*, Janaína Minelli de Oliveira analisa 33 notícias, colhidas entre junho e agosto de 2000, no Jornal da Globo, Jornal Nacional, Jornal da Bandeirantes, Jornal da Noite e Jornal da Cultura, sobre informação científica transmitida a públicos não especializados. Sob as lentes da Análise Crítica de Discurso e amparada pela Gramática Sistêmica Funcional, a autora desfia uma trama lingüístico-discursiva, analisando as estratégias retóricas, a distribuição de conteúdo semântico e a estrutura e desenvolvimento temático das notícias. Assim, fornece um mapeamento dos caminhos tomados pelos textos científicos, ao cruzarem as fronteiras da academia e avançarem para a mídia.

No capítulo sete, *Construto identitário feminino na busca do meta-insatável: Eneida de Vergílio e mídia da atualidade*, chegamos à terceira parte do livro. Dina Maria Martins Ferreira se debruça sobre o material discursivo da Eneida de Vergílio e os discursos midiáticos de Caras e Quem, tematizando a identidade social do feminino historicamente. É uma proposta ousada, tanto em face da disparidade entre os gêneros literário e midiático, quanto da dis-

tância temporal. Contudo, a autora consegue uma aproximação, situando o midiático dessas revistas em um universo fantasioso, como o da literatura, pois seus sujeitos nutrem-se do brilho glamoroso próprio de um imaginário idealizado. Analisando atos de fala e atos de figura, a autora contrapõe personagens centrais dos dois gêneros, identificando seus atributos comuns. Com muito talento, Dina Martins conduz sua abordagem sobre construção identitária entre os flancos essencialista-fundacionalista, mostrando como as aparentes polaridades perdem suas fronteiras delimitadoras, configurando uma meta-instabilidade.

No capítulo oito, *A categoria do tempo em 'O chamado das pedras'*, Heloisa Marques Miguel contempla-nos com um pouco de lirismo. Apoiada na Semântica da Enunciação, ela analisa tempos verbais em um poema de Cora Coralina. Argumentando que a linguagem literária é permeada por forças ilocucionárias, que só são atualizadas quando realizam o ato perlocucionário no leitor, ela demonstra como, no poema, a subversão dos tempos verbais corrobora pragmaticamente para o sentido do texto, permitindo que o momento da enunciação seja reconstituído. Seu trabalho expõe como a Lingüística concorre para uma compreensão mais abrangente da linguagem literária e, decisivamente, não deve ser apartada dos estudos sobre Poética.

No capítulo nove, *A inscrição do sujeito no discurso da música nordestina: uma questão de identidade?*, Ivone Tavares de Lucena toma de empréstimo canções de Luiz Gonzaga para analisar os objetos discursivos da música nordestina que corroboram para a construção da identidade do homem do Nordeste. Considerando que o sujeito enunciador é sempre assujeitado por formações discursivo-ideológicas, a autora evidencia como os sujeitos desses textos se inscrevem dentro de uma memória institucionalizada e cristalizada, na qual se entrecruzam marcas de religiosidade, crenças, cultura, valores, brados por justiça, por reconhecimento, por mudança, gritos de dor da fome, da partida, paradigmas que veiculam a identidade de um povo que carrega preconceitos socialmente discriminatórios.

O capítulo dez, *Gênero discursivo anamnese: primeiros desvelamentos*, de Carmen Cecília Camatari Galvão, parte para o campo da medicina, tecendo comentários a respeito de informações lingüísticas obtidas em *anamneses* de primeira consulta em ambulatório, a partir dos registros escritos nos prontuários do hospital universitário de Brasília – HUB. Segundo Carmen Camatari, o gênero discursivo anamnese caracteriza-se por ter muito vocabulário da área de especialidade de medicina, verbos específicos usados em contextos determinados e muitas siglas. Para a autora “a união entre lingüística e medicina – inédita até aqui – é bem vinda para ambas. Para a lingüística, pela possibilidade de conhecer mais um tipo de manifestação discursiva, com características próprias, e para a medicina como a oportunidade de ter acesso a conhecimentos específicos de língua que são aplicáveis aos textos produzidos e podem aperfeiçoar a produção lingüística médica”.

No capítulo onze, *Divulgação científica: Ciência ou Jornalismo?*, Lílian Simões Zamboni, retoma a questão da Divulgação Científica (DC), analisando os recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais em textos, de Ciência Hoje, Globo Ciência, Superinteressante, Saúde! Caderno Ciência da folha de S.Paulo. A autora afirma que o discurso da DC não é uma mera atividade de reformulação que transforma o científico em um discurso-alvo, o da divulgação científica. O novo discurso da DC abre-se para o emprego de analogias, generalizações, aproximações, comparações, simplificações, recursos que corporificam um estilo vulgarizador. Nesse processo de produção de um discurso vulgarizado da ciência, a autora identifica a participação de um sujeito ativo, que desempenha aí um trabalho efetivo de formulação discursiva, e não de mera reformulação.

No capítulo doze, *Semiótica Greimasiana e Análise do Discurso: uma articulação possível*, Gláucia Muniz Proença Lara propõe uma fusão teórico-metodológica para análises de textos, unindo, de forma complementar, a semiótica greimasiana e Análise de Discurso (AD), pois a primeira privilegia o estudo da estrutura dos textos, sem se ocupar das variáveis sócio-históricas que os engendram, elementos privilegiados pela AD. Ela toma para análise o discurso do professor de português e um discurso político, dissecando as formações discursivas que os permeiam. Pelos exemplos, a autora conclui que “a articulação entre a semiótica greimasiana e a AD é não apenas possível como também desejável, uma vez que permite (re) construir o sentido do discurso de forma mais rica e completa, mostrando que as teorias em questão, embora partam de pressupostos diferentes, não apresentam, como pensam alguns, incoerências teóricas ou contradições que invalidaram a análise feita”.

No capítulo treze, *Sujeito-Professor: multiplicidade de posições*, Eliane Alcântara dos Santos vai analisar a subjetividade do professor, contrapondo pressupostos sobre o sujeito do Iluminismo, o sujeito Sociológico e o sujeito Multidimensional da Análise Crítica de Discurso. A autora destaca o Discurso da Educação, que está cada vez mais colaborando para uma relação de marketing em que o ensino é tratado como um produto a ser adquirido e o receptor, por sua vez, assume o papel de cliente enquanto o emissor, o papel de vendedor. Como resultado, ela apresenta o professor na imagem de um sujeito múltiplo, plural, marcado por contradições complexas, principalmente frente às novas configurações da educação, da escola e dos alunos e cuja condição de sujeito ou assujeitado depende da situação, dos interlocutores e do contexto interacional.

No capítulo quatorze *Os aspectos não-verbais e verbais na interação do discurso de sala de aula: resultados preliminares*, Maria Francisca Oliveira Santos detalha exemplos de comunicação não-verbal de uma professora de ciências do ensino fundamental e seus alunos, no contexto da sala de aula. Para isso, a pesquisadora elege duas categorias de análise, gestos e distância, e os foca com as lentes da cinésica e da proxêmica. Ilustrando suas análises com

extratos de cenas da professora em sala de aula, a autora vai mostrando que a ação não-verbal, representada pela distância entre os interlocutores e pelos gestos, permitiu que se instaurasse a comunicação nos diversos momentos da interação. Dessa forma, a autora evidencia que os elementos não-verbais em qualquer tipo de comunicação social são responsáveis pela maior parte das mensagens enviadas e recebidas.

No capítulo quinze, *Estratégias pragmáticas não-verbais no processo de variação estilística*, de Cibele Brandão, vemos novamente a cinésica e a proxêmica auxiliando estudos de comunicação não-verbal, dessa vez no ambiente acadêmico. A fim de investigar estratégias não-verbais indicadoras dos estilos formal e não-formal, descrevendo e interpretando o significado pragmático de tais estratégias, Cibele transcreve um vídeo gravado em uma reunião do conselho acadêmico do curso de direito de uma universidade pública, em Brasília, em 1996. De forma muito envolvente, Cibele vai-nos descrevendo todas as estratégias não-verbais e os efeitos pragmáticos na fala de um de seus colaboradores. As análises de Cibele evidenciam de que forma os estudos de comunicação sob as lentes da cinésica e da proxêmica trazem uma melhor compreensão do que está acontecendo ao nosso redor.

Ao final, a sensação é de se ter realmente percorrido muitas “instâncias do discurso”: identidades profissional, feminina, escolar, regional; educação e marketing educacional; divulgação científica; medicina; crimes, ação política e policial; música e poesia, comportamento acadêmico, entre outras. A variedade de temas e categorias lingüístico-discursivas abordadas nessa obra faz dela um trabalho referencial para todo um corpo acadêmico interessado em estudos que se articulam sobre o eixo linguagem-sociedade.

Lúcia Gonçalves de Freitas  
luciadefreitas@hotmail.com